

ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO DAS ESCOLAS ESTADUAIS COMO INSTRUMENTO DE PARTICIPAÇÃO NO MUNDO GLOBALIZADO

Da Silva, Ebenezer Macario¹.

RESUMO

Este artigo trata do ensino da língua inglesa no ensino médio em escolas estaduais como instrumento de participação no mundo globalizado. Sabe-se que o processo de ensino aprendizagem depende do educador e do educando, pois é um processo compartilhado e, no mundo globalizado, este processo deve ser pautado a partir de uma nova lógica e uma nova cultura para acompanhar o universo tecnológico que oferece meios eficazes de ensino como por exemplo o ensino da língua inglesa que hoje está inserida no currículo escolar brasileiro. Nesse cenário, o objetivo desse estudo é analisar a atuação dos professores no processo de ensino aprendizagem da língua inglesa em escolas públicas do Recife. Da pesquisa depreende-se que são necessárias políticas públicas para tornar o ensino da língua inglesa acessível a todos, mas não como um desafio que depende o futuro dos aprendizes e sim como uma forma de edificar o conhecimento.

Palavras-chave: Ensino de Língua Inglesa. Globalização. Prática Docente.

ABSTRACT

This article deals with the teaching of the English language in high school in state schools as an instrument of participation in the globalized world. It is known that the process of teaching learning depends on the educator and the educator, since it is a shared process and, in the globalized world, this process must be based on a new logic and a new culture to accompany the technological universe that offers means teaching such as the teaching of the English language that is now part of the Brazilian school curriculum. In this scenario, the objective of this study is to analyze the performance of teachers in the process of teaching English language learning in public schools in Recife. Research suggests that public policies are needed to make English language learning accessible to all, but not as a challenge that depends on the future of learners but as a way of building knowledge.

Keywords: English Language Teaching. Globalization. Teaching Practice.

¹ Doutor em Ciências da Educação pela Universidad Del Mar.

1 INTRODUÇÃO

O artigo aborda o ensino da língua inglesa em escolas públicas na fase do ensino médio em um contexto globalizado. Sabe-se que diversos estudos no mundo apontam que ainda é inquietante os problemas enfrentados pelas escolas no processo de aprendizagem. Fatores como a falta de preparo de docentes, difíceis condições de funcionamento de gestão administrativa, pedagógica e estrutural na maioria das escolas; questões econômicas, culturais e sociais das famílias, dentre outros, têm servido de parâmetros para debates dentro e fora das escolas, afirmando que estes fatores são ocasionadores dos problemas de aprendizagem escolar, contribuindo desta forma com a carência de estímulo de alunos e professores.

De acordo com Vygotsky (2001), há uma relação de dependência em meio a o desenvolvimento de todos os seres humanos e o aprendizado que é efetivado num determinado grupo social. A aprendizagem e o desenvolvimento estão vinculados desde o nascimento. E neste período de globalização torna-se indispensável e urgente adotar meios de ensino que favoreçam não somente os estudantes, mas também os professores. O extraordinário desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação que vem contribuindo para aproximar as pessoas e também para aprofundar os seus processos de relação, findou por reduzir o mundo e conduzir todos a pontos do globo, envolvendo-os em situações que até bem pouco tempo eram impensáveis.

Jamais o rendimento intelectual é independente do desenvolvimento afetivo. bem como a inteligência e a aprendizagem não são uma função autônoma. As potencialidades que cada criança carrega somente se consolidam em determinadas condições, que estão bastante ligadas com a qualidade dos intercâmbios com o outro. Como em tudo em que a inclusão é citada, são vários os caminhos ainda a serem percorridos, todavia devemos compartilhá-los com a família, professores e outros profissionais, para as dificuldades que rodeiam os alunos no processo de aprendizagem sejam sanadas.

O tema é relevante e vem adquirindo novos contornos nas políticas de ensino do Brasil, uma vez que se percebe a necessidade de interação com outras nações, sendo a língua inglesa universal adotada numa grande variedade de países. Assim, sistematizar o processo de ensino dessa língua nas escolas públicas é de fundamental importância, não apenas para alavancar os currículos dos educandos, mas também

para impulsionar seus conhecimentos acerca das culturas de outras nações.

O artigo foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, sendo consultadas obras de autores que tenham relação com o tema, bem como diversos trabalhos científicos, tendo como objetivo a busca por subsídios teóricos. Também foram feitas pesquisas na Internet que serviram de aporte para a construção desse artigo.

2 Estado da Arte

Heap (1991) questiona as tentativas de várias teorias objetivistas que tratam o significado como situado nos textos em si e têm formulado modelos morais de como o significado que “está na ementa” deve ser aprendido. É necessário considerar-se em que situações estes conteúdos são encontrados. Para o autor, a leitura é um fenômeno cultural que abrange uma variedade de habilidades, processos e ações que as pessoas empregam em diferentes contextos. Heap (1991, p.126) diz que,

a mudança da visão de leitura em termos objetivistas para o que pode ser considerado leitura numa perspectiva situacional, é uma mudança do interesse pelas propriedades universais definidoras de um objeto em si para o interesse pelas propriedades específicas, constitutivas de um objeto em contexto (HEAP, 1991, p. 126).

Para Heap (1991) aprender a ler, é aprender como ler. É apontado que a necessidade de se investigar a leitura em contextos de interação para começarmos a construção de um modelo de leitura que considere como ela acontece nos eventos autênticos que envolvem compreensão de texto. Proporcionando deste modo melhorias no entendimento e absorção do conteúdo explorado.

Develay (1999) diz que muitos estudiosos sustentam que para que a aprendizagem ocorra é necessário que o aprendiz seja envolvido em uma atividade partilhada que lhe interesse particularmente, em que seja possível uma mente apropriar-se dos pensamentos de outra(s) e desenvolver novos significados. Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1998) enfatizam a ideia de nos comunicarmos, e, como pessoas situadas nos contextos sociais e culturais definidos, selecionamos, para nos comunicar de modo adequado àquilo que desejamos expressar aos interlocutores, maneiras estas que são ótimas formas de comunicação e por isso apresentam uma grande relevância para o ensino de diferentes matérias.

Como a definição do conceito na ciência da educação escolar não corresponde à definição do mesmo conceito na ciência acadêmica, nos procedimentos de aprendizagem as fontes se modificam em soluções didáticas, na avaliação em que são apontadas para replicar perguntas e questionamentos adaptados aos desígnios da história doutrinada. Isso ocorre no momento em que se dá a separação do conhecimento em áreas de saber demarcadas e em exercícios de aprendizagem particularizadas que induzem à despersonalização da informação, ou seja, o conhecimento e o seu intento de admitir a sua reutilização em planejamentos e programas (DEVELAY, 1999)

Neste contexto, nota-se ser imperativo para o aluno e como ele se porta motiva a modificação em como são as aulas e as atividades são conduzidas e realizadas com propósito educativo. Diante disto, a utilização de práticas alternativas de ensino tem demonstrado utilidade, assim como o mundo tem passado por grandes transformações que nos levam a conviver com dinâmicas mais rápidas, sendo indispensável perceber como e porque muitos estudantes têm dificuldades de acompanhar as suas rotinas escolares.

Observa-se que a construção da qualidade do ensino deve está necessariamente ligado à discussão da formação de professores em favor de um ensino, que efetivamente aceite o desenvolvimento de desenvolturas e capacidades imprescindíveis para o desenvolvimento da cidadania.

O ensino de disciplinas em distintos contextos socioeconômicos presente é, logo, essencial à formação das mentalidades das gerações futuras, as quais terão que gerenciar um mundo registrado pela complexidade, pleno de incoerências e diferenças. Tais gerações terão que ter, então, uma capacidade de compreensão da realidade na expectativa de sua totalidade. Nesse cenário, por suas características inerentes, o ensino escolar apresenta-se como capaz a desenvolver o longo método de formação de uma mentalidade e motivar mudanças, compatíveis com um novo panorama mundial (DUARTE, 2001).

Devido às grandes discussões na esfera acadêmica torna-se necessário que sejam notadas as particularidades envolvidas nos aspectos educacionais da formação dos professores, afim de que, com a utilização de ferramentas pedagógicas, se possa vislumbrar a transposição de dificuldades observadas por alunos.

3 O processo de ensino e aprendizagem na atualidade

Para entender o processo de ensino-aprendizagem contemporâneo é necessário primeiramente ir ao significado desse conceito apresentado. Segundo a perspectiva construtivista de Piaget, “o conhecimento humano se constrói na interação homem-meio, sujeito-objeto onde conhecer consiste em operar sobre o real e transformá-lo a fim de compreendê-lo (BASSO, 2012). Nesse sentido, percebe-se a importância do sujeito ser autor e co-autor da sua própria história, uma vez que o conhecimento permite um novo olhar, uma nova perspectiva, uma ruptura de reproduções sociais, outrora intensamente impostas.

Tanto o professor quanto o estudante exercem a função de executores, isso porque, não compartilham inteiramente da produção do conhecimento. Assim, o trabalho pedagógico torna-se um produto fragmentado e completamente estranho aos sujeitos do processo (SAVIANI, 2001).

Tem-se conhecimentos que estão cada vez mais presentes os recursos tecnológicos, tornando-se influentes na vida social e profissional do ser humano. No campo educativo não poderia ser diferente. O desenvolvimento da informática, nesse campo, está aumentando expressivamente, como um instrumento que colabora e muito para o processo de ensino e aprendizagem. A educação nesse sentido, decorre por muitas transformações frente às novas tecnologias, que, por sua vez, transformam o comportamento e o relacionamento do homem com o meio onde convivem, e evidentemente, na edificação do conhecimento (LOPES, 2002)

Por isso, analisa-se a grande importância da inovação nas ações pedagógicas por meio de recursos didáticos que levem os estudantes além dos muros da escola e da “ordem” do professor. Basso (2012, p.123) enfatiza que,

o professor precisa transformar-se em um guia, capaz de estimular seus alunos a navegarem pelo conhecimento, fazerem suas próprias descobertas e desenvolverem sua capacidade de observar, pensar, comunicar e criar (BASSO, 2012, p.123).

Aduz Santos (2001) que é do conhecimento de todos que a escola vem de uma noção catalogada em técnica de ensino tradicional na cultura letrada, na classificação hierarquizada de um conhecimento que era pronto e acabado. O que se estudava era aproveitado sem mudanças ou reformulações durante a vida do indivíduo e o

conhecimento era sempre inquestionável. Mas sabe-se que o professor presentemente não é visto mais como possuidor da verdade absoluta. Desse modo, compete a ele modificar o espaço da aprendizagem em um espaço desafiador, na procura sempre da autonomia, criatividade e criticidade do aluno que está em constante processo de formação.

Lima JR (2007) elucida que a entrada das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) vem transformando significativamente a dinâmica da sociedade moderna e estabelecendo, portanto, mudanças expressivas nas práticas pedagógicas que reanimam o sistema formal de ensino. Segundo Lima JR (2007, p.37),

a evolução das interfaces, dispositivos lógicos que servem como mediações entre o ser humano e a técnica o dispositivo técnico, está diretamente relacionada com o processo de desenvolvimento da cognição humana, conseqüentemente, gerando nova ênfase em nosso modo de relação com o conhecimento, ou melhor, gerando uma nova compreensão da produção e difusão social de saberes e de conhecimentos (LIMA JR, 2007, p. 37)

Percebe-se, dessa forma, novos modos de se pensar e de lidar com o conhecimento, relegando à segundo plano, a linearidade e a objetividade próprios da educação habitual. Nesse sentido, é essencial que os profissionais de educação movimentem recursos teóricos e práticos agregados às técnicas e às novas linguagens procurando sempre aproximar a cultura escolar da nova geração chamada de Geração C ou Geração Virtual (ALVES, 2010)

Sendo assim pode-se dizer que o uso da Internet é um método de construção do conhecimento, é alguma coisa que está sempre em construção, reconstrução e renegociação, que depende dos atores envolvidos, que, por sua vez, representam diversos núcleos decisórios em estado de constante interatividade, interconetividade e mobilidade. Ou seja, é algo que vem acendendo respeitáveis fronteiras para a educação, cujas probabilidades e cujos limites ainda não são inteiramente conhecidos, mas que entusiasmará intensamente o trabalho nas escolas, gerando a aprendizagem cooperativa, capaz de organizar o indivíduo para um novo tipo de trabalho profissional que envolva a atividade em equipe por exemplo (J. L. CEBRIAN, 1999) .

Para tanto cada vez mais as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) vêm sendo colocadas no dia-a-dia escolar, seja pelo uso dos componentes virtuais de aprendizagem, das várias mídias ou ainda pelos equipamentos. Os estudantes do

século XXI têm uma nova identidade e vem apresentando aptidões quanto ao uso das TIC, mesmo que para divertimento; o maior desafio dos educadores deste modo é oferecer aos discentes um direcionamento pedagógico (COSTA, 2009).

Na visão de Valente (2002) o método de construção do conhecimento pelo aluno durante a navegação na Internet se produz a partir do tempo em que as informações descobertas na web forem ressignificadas por ele e não somente absorvidas. É nesse tempo que o professor deve interceder, tendo em vista que é ele quem poderá auxiliar o aluno na reflexão, seleção e apreciação dos materiais descobertos na rede, buscando a construção do conhecimento do aluno e o desenvolvimento da autonomia por meio de práticas desafiadoras e dinâmicas.

Pelo meio desses mundos virtuais, os jovens desenvolvem novas formas de aprender, de entretenimento, de procurar conhecimentos e informações e de usar artefatos tecnológicos, mesmo que não exista equipamentos para esses fins em seus domicílios ou nas unidades escolares (KENSKI, 2007).

Vale destacar que o uso das ferramentas tecnológicas no processo de ensino não deve substituir as demais mídias. É necessário que as escolas prossigam usando livros, revistas, jornais, pois cada um deles tem sua especificidade na procura de novas informações. A função da Internet é desenvolver e instigar as probabilidades de ação. Ela é uma grande aliada para a educação, o grande desafio está em mostrar os melhoramentos aos professores que, em muitos episódios, lutam para não utilizar esta nova ferramenta educacional (KENSKI, 2007).

Ressalta-se que no contexto escolar ainda há uma educação formal, onde se exige do docente comprovações e mensurações do aprendizado do aluno, além da qualidade e os resultados da aprendizagem. Sendo esses obtidos através de testes e provas, que na maioria das vezes não contribui para o desenvolvimento do conhecimento do aluno. Desse modo, o educando finda por apenas memorizar os conteúdos, deixando de desenvolver a aprendizagem que é crucial em seu processo de formação. E em muitos casos os alunos recorrem a famosa cola. Desse modo, a avaliação não propõe uma expressiva aprendizagem para o discente, posto que o aluno apenas irá se preocupar em decorar ou colar para responder as questões das avaliações (MORETTO, 2003).

Compreende-se que os professores, no geral pretendem direcionar seus empenhos de forma quantitativa na avaliação, investindo e valorizando menos o aspecto qualitativo. Isso deve ocorrer porque a função de avaliar de maneira

qualitativa exige muito mais tempo do desse profissional, o que desencadeia uma maior dedicação por parte dele. No entanto, esse profissional fica impossibilitado de organizar, planejar e fundamentar com mais efetividade a sua ação educativa. Isso geralmente é decorrente da má remuneração, obrigando-o a assumir jornada de trabalho dupla ou até tripla e também pela exigência da gestão da escola no cumprimento programático do conteúdo em tempo hábil.

Na visão de Johann (2008) a avaliação quantitativa proporcionada pelos docentes precisa levar em conta a constatação da aprendizagem através de avaliações, não podendo ser utilizada para classificar e selecionar os alunos, fato verificado em muitas práticas pedagógicas. Pelo contrário, a avaliação quantitativa deve complementar o aspecto qualitativo à medida que os resultados conquistados nos testes e provas realizados pelos alunos propicie ao educador o feedback e a reflexão da sua prática pedagógica.

A prática docente deve sempre ser pautada na busca constante da efetivação da aprendizagem dos alunos. O educador não pode conter a sua tarefa de transmitir conteúdos culturalmente sistematizados. Essa ação contribui para a formação de um tipo de ser humano descontextualizado com a realidade contemporânea. Todavia, é de vital importância que tenha a articulação do conhecimento com a vida (JOHANN, 2008).

Assim, Kenski (2007) diz que analisar a aprendizagem, estará fortemente relacionado com o pensamento que se tem do processo de ensino aprendizagem; sendo que este processo deve ser coerente com o modo de ensinar. A visão do professor no que tange ao que é o conhecimento, decidirá seu processo de ensino. Se o método de ensino se deu dentro dos princípios da construção do conhecimento, a avaliação da aprendizagem irá adotar a mesma orientação. Neste sentido, a avaliação passa a ser uma ocasião privilegiada de estudo e não um acerto de contas ou uma "forma de castigo".

Papert (2008) defende o uso da tecnologia na educação na expectativa construtivista, cuja atuação do professor é gerar a aprendizagem do aluno para que este construa o seu conhecimento num ambiente que o desafie e motive a elaboração de conceitos de acordo com seu contexto. O professor é atuante como mediador do processo ensino-aprendizagem expressivo, uma vez que trabalhe conhecimento articulado com necessidades e interesses de seus educandos onde são sujeitos da aprendizagem.

Para Valente (2002), alterando as questões da escola, modifica-se ao mesmo tempo o papel do professor, em que passa de repassador de informação para facilitador no processo ensino-aprendizagem. Para tanto, o computador é instrumento de motivação para alunos e professores desde que sua inclusão não seja de forma autoritária, porém definida e abrangida pelo professor. As novas tecnologias não são simplesmente uma coleção de máquinas e seus acompanhamentos de softwares. Elas incorporam uma forma de pensamento que conduz a pessoa a enfrentar o mundo de uma forma particular. Os computadores submergem uma forma de pensar que são primariamente técnicas.

Nessa abordagem se altera, sobretudo os procedimentos didáticos, pois é preciso que o professor se posicione como aliado, um parceiro no sentido de encaminhar e orientar o aluno diante das possibilidades e formas de se relacionar com o conhecimento.

4 Ensino Aprendizagem, Motivação e o Ensino de Língua Inglesa

No processo de ensino e aprendizagem, inúmeros são os fatores que intervêm nos resultados almejados: a precária estrutura da instituição escolar, as condições de trabalho dos educadores, as condições sociais dos estudantes e os recursos disponíveis. Outro fator é a didática utilizada que necessita ser hábil e motivacional.

No argumento de Luckesi (1995) é imperativo existir uma clara proposta pedagógica que abranja as metodologias de ensino selecionadas ou construídas das mediações da proposta pedagógica, devendo ser bastante articuladas; se a finalidade é alcançar resultados reais, será preciso selecionar ou construir processos que direcionem a estes resultados, mesmo que parciais; em conjunto com a proposta pedagógica, o professor precisa lançar mão dos conhecimentos científicos que estão disponíveis, além de ficar constantemente alerta para o que está sendo repassado, avaliando a atividade e tomando novas decisões.

A habilidade do educador em identificar e indicar os processos de ensinamento que melhor se ajuste as particularidades dos alunos com os quais trabalha e que avalie as características dos conteúdos em discussão, poderá fazê-lo mais bem-sucedido no seu ofício de ensinar. O uso de métodos e procedimentos de ensino precisa levar consideração a maneira pelo qual o educando aprende, não devendo ser

um ato isolado, escolhido ao acaso, sem que aja uma análise dos conteúdos trabalhados, sem considerar as habilidades essenciais para a execução e os objetivos a serem conquistados. É na prática pedagógica que o professor irá mostrar os desafios do processo de ensino e aprendizagem (DUARTE, 2001).

Assim sendo, a adequação do conhecimento pelo indivíduo como instrumento de conceito das relações sociais existentes enseja movimentos conjuntos: a transmissão e a adequação do saber. Para que o processo de ensino se concretize, o docente precisa ser conhecedor do que pretende ensinar. Dessa forma, precisa ser ao mesmo tempo, pesquisador, leitor assíduo e estudante, planejar seguimentos pedagógicos adequados ao conteúdo e ao contexto, organizar sua ação de modo a articular os conhecimentos adquiridos pelos estudantes com os novos conceitos científicos para que estes possam superar os conceitos diários, construindo um alicerce de conhecimentos científicos sistematizados (TAPIA, 1999)

Segundo Rapaport (1984) no processo educacional a função de quem ensina e de como aprende é fator relevante para que educadores e educandos criem interações essenciais para a aprendizagem. O estabelecimento deste processo deve se dá de forma sóciointeracionista, uma vez que ensinar e aprender envolve o professor, o aluno e o meio onde é oferecida a aprendizagem, para que seja desenvolvido um processo motivacional.

Para Netto, (2002), na aprendizagem, a motivação faz elevar o estado de despertar do aprendiz, fazendo melhorar a concentração, a produtividade e o estado de alerta e captação dos conteúdos recebidos. À medida que a motivação pode desenvolver no aluno um bom satisfatório sobre a aprendizagem, a falta de motivação pode ocasionar uma aversão pelos estudos e isso atrasará o processo de evolução.

Um dos parâmetros que mostra o sucesso profissional do professor e seu processo de ensino e aprendizagem é a capacidade de relacionar-se, interagir, comunicar-se e motivar o aluno de maneira constante e competente. Sendo sua função em muitas situações, muito mais relevante. Outro fator importante na função de um professor é a competência intelectual que aproxima a teoria da prática e a vivência da reflexão teórica (NETTO, 2002).

Segundo Moran (2007), as ferramentas de comunicação usadas pelo docente são importantes para o êxito desse processo. Um professor que interage com os alunos falando com clareza, contando histórias atraentes, que sente o ânimo da turma, que se ajusta as diversas situações, que sabe brincar metáforas, tem bom humor, que

usa as tecnologias adequadamente, certamente consegue bons resultados com os alunos. Geralmente, os alunos gostam de ser surpreendidos pelo docente, apreciam novidades que altere suas técnicas e métodos de organizar o processo de ensino e aprendizagem, tornando-os, desse modo, motivados

É indispensável a cordialidade do professor na relação com seus alunos. Mostrando-se uma pessoa compreensiva, ele poderá atrair os educandos e reger a atenção destes para o aprendizado almejado.

Nos argumentos de Boruchovitch & Bzuneck, (2009) nem sempre os estudantes entendem o valor dos trabalhos oferecidos pela escola, posto que, em muitas ocasiões, não conseguem abarcar a relação que existe em meio a aprendizagem e uma pretensão de valor para a sua vida, fazendo com que eles não se envolvam no trabalho. Boruchovitch & Bzuneck (2009, p.35) dizem que: “a motivação tornou-se um problema de ponta em educação, pela simples constatação de que, em paridade de outras condições, sua ausência representa queda de investimento pessoal de qualidade nas tarefas de aprendizagem”.

Quanto mais avançada são às séries, os problemas tendem a ficar bem mais complexos e intensos, por serem originários das séries iniciais e também por sofrerem influência das novas exigências dos diversos tipos de matérias escolares, aliadas às características evolutivas do estudantes. Sob a ótica humanística, motivar os estudantes diz respeito a estimular seus recursos interiores, seu senso de competência, sua auto-estima, auto realização e sua autonomia.

O segredo para efetivar a motivação do aprendizado escolar fica em conquistar harmonizar o desenvolvimento da motivação intrínseca da criança. Motivação intrínseca segundo Boruchovitch & Bzuneck, (2009, p.43) “refere-se à escolha e realização de determinada atividade por sua própria causa, por esta ser interessante, atraente ou, de alguma forma, geradora de satisfação”.

Segundo Yin (2005) existe diferentes percepções de aprendizagem que pode ser empregada pelos professores. Qualquer condição educacional tem como ponto de partida uma metodologia significativa, seja a exposição do docente com um texto linear ou um texto não-linear. O início de uma nova metodologia de ensino demanda uma reestruturação nas demais maneiras e um questionamento a respeito de que cada um dessas formas está afetando os alunos no sentido de despertar-lhes curiosidade para buscar informações, adquirir vontade e prazer em compartilhar o

conhecimento com seus pares, de construir e olhar o mundo fora dos muros da escola.

5 A globalização e o ensino da Língua Inglesa

A noção de globalização caiu em domínio público já há algum tempo. À primeira vista, a definição do conceito não oferece grandes desafios. Basta falar em globalização para que *internet*, e-mails, MSN, Google, Yahoo e Facebook, entre outros tantos nomes, sejam lembrados por qualquer cidadão comum por menor que seja o seu interesse a respeito da questão. Não é para menos, o fenômeno que chamamos de globalização afeta todos e cada um de nós de maneira inusitada. Das grades de programação das televisões abertas e a cabo até o preço dos barris de petróleo, tudo parece depender de uma relação muito delicada que se estabelece entre as instâncias local e global (BERTRAND, 2017).

Nos entendimentos de Block et al (2004), o termo globalização não passa de um modismo que permeia a retórica política contemporânea e serve de palavra-chave para acadêmicos e leigos na discussão de questões econômicas, sociais, tecnológicas e culturais do nosso tempo.

Block et al (2004) elucidam que a insubordinação das relações sociais aos limites geográficos propicia o surgimento de uma série de questões a respeito do papel das línguas no mundo globalizado. A língua consiste na forma principal de interação social humana e a interação, por sua vez, num meio através do qual as relações sociais são construídas e mantidas. Essa troca global exige mais do que apenas o compartilhamento de um mesmo canal como no caso da *internet* e da vídeo conferência. Ela requer o compartilhamento de um mesmo código lingüístico que, na grande maioria das vezes, consiste numa segunda língua ou língua estrangeira para os participantes.

Partindo do princípio de que a intensificação das relações sociais mundiais resulta na necessidade de desenvolvimento de competências em uma ou mais línguas adicionais, assim, Block et al (2004) concluem que o fenômeno da globalização acarreta mudanças nas condições de aprendizagem e de ensino de línguas.

Na visão de Block et al (2004), a aprendizagem de línguas sempre esteve atrelada a razões econômicas. Porém no período de economia pós-industrial, as habilidades lingüísticas dos trabalhadores adquirem importância ainda maior. Somadas a uma também novíssima forma de letramento exigida por tecnologias de ponta e à competência numa ou mais línguas estrangeiras (ou segunda língua) essas habilidades valorizam o capital lingüístico dos indivíduos. Transformadas em *commodities* econômicos, as línguas extrapolam suas funções tradicionais enquanto símbolos de determinada identidade étnica ou identidade nacional. O processo de *commodification* da língua afeta tanto a motivação dos aprendizes quanto a escolha da língua a ser aprendida bem como a alocação de recursos para o ensino de línguas em instituições regionais, nacionais, públicas e privadas.

O pensamento de Block et al (2004) até este ponto examina a globalização de uma forma mais ou menos geral sem que nenhuma relação aparente entre esse fenômeno e o ensino de línguas seja estabelecida. Mas é nos argumentos de Held, McGrew, Goldblatt e Perraton (1999) que a ligação entre globalização e ensino de línguas, mais precisamente do ensino de inglês, começa a fazer sentido.

Block et al (2004) diz que existe no ensino de língua inglesa uma versão hiperglobalista que reconhece a expansão dessa língua como um resultado conveniente da atuação das forças globalizadoras. Há duas décadas, a divulgação de metodologias, materiais e abordagens do ensino do inglês elaboradas por especialistas provenientes de instituições radicadas não costumava ser problematizada, naquele tempo, havia uma espécie de hiperglobalismo implícito que promovia a aceitação de uma única metodologia dominante. O mundo aprendia inglês por meio de materiais pedagógicos provenientes de centros irradiadores específicos localizados na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Block et al (2004) dizem que os trabalhos de Phillipson (1992) e Pennycook (1994), porém, acabam por encorajar a discussão acerca dos fatores políticos, sociais e econômicos que permeiam a utilização desses métodos e materiais a partir do momento em que eles ultrapassam as fronteiras dos países nos quais foram produzidos.

Elucida Block et al (2004) que, nos últimos anos, os esforços de Robert Phillipson e Alastair Pennycook tem colaborado para a adoção de uma abordagem muito mais reflexiva no exame de métodos de ensino do inglês nos quatro cantos do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo abordou o ensino da língua inglesa em escolas públicas em um contexto globalizado. Percebe-se a necessidade de saber qual é o verdadeiro papel desempenhado pela língua global na sociedade brasileira. Nestas abordagens feita por diversos autores parece lícito dizer que, para muitos estudantes, o estudo da língua inglesa, em alguns casos, não é relevante. No entanto, o investimento professado pelos estudantes de inglês na escola pública parece razoável e existe a crença no inglês como língua do desenvolvimento e das possibilidades futuras, muito embora seja ainda precário do processo de ensino aprendizagem desta língua em sala de aula.

Nota-se que mesmo o ensino da língua inglesa em escola públicas seja deficitário, ainda assim, é possível que haja uma força da hegemonia da língua inglesa propagada, principalmente nos dias atuais, pelos Estados Unidos. A língua inglesa surge quase sempre atrelada a uma imagem de sucesso econômico e à noção de desenvolvimento. Grande parte dos alunos sonha com as possibilidades de um futuro melhor e vêem a língua inglesa como uma moeda corrente na busca pela ascensão social.

Parece natural, devido aos fatores econômicos e culturais que regem o globo nos tempos atuais, que os educandos confirmem o discurso do senso comum segundo o qual a língua inglesa é muito importante nas instâncias local e global. Contudo, parece fazer parte das funções do professor de inglês como língua estrangeira a discussão de questões mais amplas (questões político-econômicas, por exemplo) relacionadas a aprendizagem do inglês.

É necessário que alternativas sejam implementadas e/ou mudanças nas práticas docentes para que os aprendizes possam participar das atividades escolares com afinco e de maneira adequada e efetiva. Contudo, essas mudanças devem constituir caminhos pedagógicos alternativos para vislumbrar os mesmos objetivos. Ou sejam alcançar os alunos através de metodologias educacionais diferenciadas.

É importante lembrar que todas pesquisas nunca trazem conclusões definitivas. Entretanto, espera-se que outras questões levantadas ao longo deste artigo possam,

de alguma maneira ser úteis no âmbito da Educação e, particularmente, na escolarização de pessoas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Lynn. **Geração e Jogos Digitais: produzindo novas formas de letramentos e conteúdos interativos**. In: XV ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO. Belo Horizonte, Anais, 2010.
- BASSO. 2012. **Algumas reflexões sobre o ensino mediado por computadores**. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/lec/02_00/Cintia-L&C4.htm>, Acesso em: Abril de 2018.
- BERTRAND, Yves. **Teorias Contemporâneas da Educação**. 2. ed. São Paulo: Instituto Piaget, 2017.
- BOCK, Ana M. B.; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi **PSICOLOGIAS – Uma introdução ao estudo da Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2004.
- BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (orgs.). **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- COSTA, Jivaneide A. S. **A Formação de Professores nos meios tecnológicos e midiáticos: Um resgate da mídia rádio no ambiente escolar**. In: MERCADO, Luís. P. (Org.). Fundamentos e Práticas na Educação a Distância. Maceió: Edufal, 2009, p.133-149.
- DEVELAY, M. **De l'apprentissage à l'enseignement: pour une épistémologie scolaire**. Paris: ESF, 1999.
- DUARTE, Newton. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a Escola de Vygotsky. Polêmicas de nosso tempo**. Campinas SP: Autores Associados, 2001.
- HEAP, J. L. **A situated perspective on what counts as reading**. In: BAKER, C.; 1991.
- KENSKI, Vani M. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. São Paulo: Papirus, 2007.
- J. L. CEBRIAN. **A rede: como nossas vidas serão transformadas pelos novos meios de comunicação**. São Paulo, Summus, 1999.
- JOHANN, Jorge Renato. **Educação e a Utopia da Esperança: um novo homem e uma nova sociedade**. Canoas: ULBRA, 2008.

LIMA JR, Arnaud Soares de. **A Escola no Contexto das Tecnologias de Comunicação e Informação: do dialético ao virtual**. Salvador: EDUNEB, 2007.

LOPES, José Junior. **A Introdução da Informática no Ambiente Escolar. Universidade Estadual Paulista – Instituto de Geociências e Ciências Exatas**. 2002. Disponível em: <<http://www.clubedoprofessor.com.br/artigos/artigojunio.pdf>>, Acesso em: Março de 2018.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 1995.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 2ª edição. Campinas-SP: Papirus, 2007.

MORETTO, Vasco Pedro. **Construtivismo a produção do conhecimento em aula**. DP&A Editora, RJ, 2003.

NETTO, Samuel Pfromm. **Psicologia da aprendizagem e do ensino**. São Paulo: EPU: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática**. Ed. Ver. Porto Alegre: Artmed. 2008.

RAPAPPORT, Clara Regina. **Psicologia escolar: temas básicos de psicologia**. São Paulo: E.P.U, 1984, v. 1.

SANTOS, Boaventura de. **Um Discurso Sobre as Ciências**. 13. ed. Porto: Afrontamento, 2002.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 34ªed. Campinas-SP: Autores Associados, 2001.

TAPIA, Jesus Alonso. A motivação em sala de aula: o que é, como se faz. Tradução Sandra Garcia. 2. ed., São Paulo: Loyola, 1999.

VALENTE, J. A. **Uso da Internet em sala de aula**. Educar, Curitiba, n. 19, p. 131-146. 2002, Editora da UFPR.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

YIN, R. Estudo de caso: **planejamento e métodos**. 3ª Ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2005.